

Os mistérios de Delfim em Londres

O ministro Delfim Neto passou dois dias e meio escondido em um hotel fora de Londres fugindo o tempo todo da imprensa. O ministro chegou sexta-feira à tarde e somente foi localizado pelos jornalistas quando jantava com o embaixador Gibson Barboza, no fim da noite no clube Anabelle. Surpreso, disse ter vindo apenas tratar de pormenores relacionados com um empréstimo da Sunaman (o que parece totalmente inviável) e negou ter-se avistado com o diretor geral do FMI, Larosiére, que se encontra na Europa.

Ontem, confirmava-se que o ministro, antes de vir para Londres, havia solicitado à sede do FMI, em Washington, uma entrevista com o diretor do Fundo, que se encontrava sexta-feira em Genebra e estará hoje na Basileia, para uma importante reunião do Bank for International Settlement, quando será discutida a prorrogação da dívida brasileira de 400 milhões de dólares, duas vezes vencida.

Havia ainda informações não confirmadas de que Delfim Neto se teria avistado com Paul Wolcker, também na Europa a caminho da Basileia, e que já teria sido acertado um apoio mais decisivo do Tesouro norte-americano ao Brasil. Esse apoio seria em créditos de emergência, de curto prazo, e com uma pressão específica nos bancos centrais europeus para que sejam mais condescendentes com o Brasil. Ontem, porém, o jornal Observer publicou artigo exclusivo de seu editor econômico, William Keegan, segundo o qual a Grã-Bretanha, que vinha até agora apoiando abertamente o Brasil nesta área, estaria disposta a endurecer sua posição na reunião da Basileia. Delfim, entretanto, afirmou que vinha tratar de pormenores do empréstimo da Sunaman e manteve a mesma explicação ao embarcar num voo da Varig, ontem à noite, em compa-



nhia do sr. Horácio Coimbra, negando encontros com Wolcker ou Larosiére.

Mas, parece fora de dúvida que o ministro tenha se avistado com fontes ligadas ao FMI e aos bancos centrais europeus, tendo em vista, principalmente, a reunião do BIS, hoje, na Basileia. Acredita-se que já teria obtido a aquiescência tanto do BIS quanto do tesouro norte-americano para prorrogar o empréstimo brasileiro, bem como já estaria iminente a aprovação de um novo esquema de financiamento da dívida brasileira e uma atenuação das exigências do FMI.

Lição inglesa

Segundo o Jornal Observer, tanto a primeira ministra Margaret Thatcher quanto o seu assessor econômico, o americano Alan Walters, acham que o Brasil merece uma lição, "não se devendo permitir que continue agindo como até agora". Eles acham que os países devedores devem ser tratados com mais rigor e que estão sendo por demais exageradas as previsões sobre as consequências da crise decorrente do não pagamento das dívidas. Para Walters, a solução de mercado deve ser imposta e os países credores devem agir com maior rigor com os devedores. Será essa a linha que o Banco da Inglaterra, até agora extremamente condescendente e colaborativo com o Brasil, irá adotar na reunião de hoje na Basileia. Afirmava-se ontem que essa posição de Thatcher já é uma reação às posições do Brasil com relação ao pouso de aviões britânicos em território nacional, a caminho das Falklands.

Segundo o embaixador Mário Gibson Barboza, a visita de Delfim não teve como objetivo tratar com banqueiros ou autoridades britânicas.

**Por Alberto Tamer,
de Londres**